

## Expediente

Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM-UFPR)

revistaacaomidiatica@gmail.com

ISSN: 2238-0701

Ed. 25 - Jan/jun (2023)

**AÇÃO MIDIÁTICA - Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura** é a publicação científica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Paraná. Com periodicidade semestral, propõe-se a permitir o debate sobre a pesquisa em comunicação. A publicação contempla artigos relacionados a dossiês temáticos, seções com temas livres e resenhas. O periódico é destinado a pesquisadores, profissionais, professores e estudantes da área, bem como dos campos que apresentam interface com a comunicação.

## Editor

João Martins Ladeira

José Carlos Fernandes

Marcelo Garson

## Equipe Editorial

Keyse Caldeira de Aquino Macedo

Pedro de Souza Lima Brodbeck

Rafael Borges Marques

Samir Gid

Victor Finkler Lachowski

## Comitê Editorial

Claudia Irene de Quadros, *UFPR*

Fabio Hansen, *UFPR*

José Manuel Losada, *Universidad Complutense, Espanha*

Aryovaldo de Castro Azevedo Junior, *UFPR*

Celsi Bronstrup Silvestrin, *UFPR*

Glaucia da Silva Brito, *UFPR*

João Somma Neto, *UFPR*

Kati Caetano, *UTP*

Myrian Del Vecchio de Lima, *UFPR*

Regiane Regina Ribeiro, *UFPR*

Luciana Panke, *UFPR*

Rosa Maria Cardoso Dalla Costa, *UFPR*

## **Comitê Científico**

Adolpho Queiroz, *MACKENZIE*

Carlos Federico Gonzalez Perez, *Universidad Nacional de Jujuy, Argentina*

Cleusa Maria Scroferneker, *PUCRS*

Cristina Coriasso Martín-Posadillo, *Seminario La Ginestra*

Dina Maria Martins Ferreira, *UECE*

Mônica Cristine Fort, *UTP*

Sérgio Luiz Gadini, *UFPR*

Suely Scherer, *UFRJ*



## Apresentação

Atualmente, as questões de gênero tornaram-se um tópico central de disputa no campo midiática. Encampado tanto pela esfera da comunicação política tradicional, quanto pelas discussões acaloradas que giram ao redor de um sem número de produtos midiáticos – filmes, música, séries, podcasts –, o gênero tornou-se, também, um terreno fértil à investigação acadêmica. Para compreender a consolidação desse campo de estudo, temos, no entanto que atinar às relações entre o feminismo e a universidade firmadas nos anos 1970.

É nesta época que a crítica ao patriarcado e o debate acerca da identidade feminina ganham visibilidade nos então chamados Women's Studies que se instalaram nas universidades estadunidenses e inglesas. Como parte desse esforço, houve o interesse dos estudos de comunicação por investigar de que maneira as mídias participavam das relações de poder desiguais experimentadas pelas mulheres. Produziu-se, assim, algumas obras hoje consideradas clássicas

É de 1978 o trabalho de Gaye Tuchman que lançou o conceito de aniquilação simbólica, interessado em explicar como a ausência, condenação ou trivialização da imagem feminina na mídia agia como uma força conservadora que buscava deter as reivindicações emancipatórias do movimento feminista. Da mesma época é o influente trabalho de Laura Mulvey que denunciou como o cinema norte-americano construía representações femininas a partir de um olhar masculino, o que deu origem ao popular conceito de *male gaze*. Na década seguinte, trabalhos como *Watching Dallas* buscaram compreender como gêneros supostamente femininos, como as telenovelas, eram consumidos e incorporados ao cotidiano das espectadoras.

Nos anos 1990, há uma guinada simbólica quando se percebe que o sujeito do feminismo até então, “a mulher”, geralmente aglutinava uma agenda de interesses de mulheres brancas, heterossexuais e de classe média dos

Estados Unidos e Europa. Assim, enxergar a realidade das mulheres negras, imigrantes, latinas e transexuais tornava-se uma questão urgente. Esse movimento de resignificação, posto em marcha pela emergência da perspectiva interseccional, também ganhou um impulso com o trabalho de Judith Butler e da teoria queer, cuja visada pós-identitária buscava questionar como as identidades de gênero eram construídas em detrimento de corpos tornados abjetos. Dessa forma, a atenção aos papéis sexuais, tão caros aos anos 1970, perdia espaço frente à investigação das performances e performatividade de gênero.

Nesse longo percurso, que desemboca nos dias de hoje, uma série de metodologias e enfoques teóricos – análise de conteúdo, análise do discurso, marxismo, psicanálise, narratologia, economia política da comunicação – contribuíram para enxergar de que maneira as mulheres se posicionam e são posicionadas frente à indústria midiática, seja ao nível dos textos midiáticos, do mercado de trabalho ou enquanto consumidoras. Assim, o dossiê “Mídia e gênero, novos olhares”, que acompanha esta edição, busca capturar a recente e efervescente investigação acerca dos produtos e processos midiáticos contemporâneos que tem o gênero como tópico central.

Na temática da identidade de gênero, o trabalho de Diego Moreira debruça-se sobre a série da HBO *Todxs Nós* para compreender a trajetória de Rafa, personagem não-binário e bissexual que muda-se para São Paulo. Através de Foucault, Deleuze e Laetitia, o autor mostra como as séries funcionam como dispositivos pedagógicos e midiáticos, além de jogar luz para a cada vez mais volumosa produção, disponível nas populares plataformas de streaming, que tem transexuais como protagonistas.

O trabalho de Gregorio et al. também tem a ficção seriada como objeto; a intenção agora é analisar a repercussão de um beijo lésbico na telenovela *Orfãos da Terra*. Através da netnografia as autoras debruçam-se sobre os comentários presentes no *Instagram* da novela que evidenciam a forte rejeição da audiência. Isso deixa claro como o aumento de visibilidade da população LGBTQIAP+ nos produtos audiovisuais é acompanhada de um discurso de ódio que se prolifera nos espaços de interação da audiência. Este trabalho está em conexão direta com o texto de Mendonça et al. que analisa de que maneira o falecimento do ator Paulo Gustavo foi tratado no *twitter*. Utilizando-se do método de análise de redes semântica, as autoras perceberam de que maneira os comentários tornaram-se uma arena de disputas simbólicas que, agregando partidários e antagonistas do governo Bolsonaro, buscaram avaliar as políticas públicas adotadas frente à pandemia.

No que tange às relações entre gênero e política, o trabalho de Jaqueline Silva e Karina Woitowicz investiga a cobertura da eleição de 2020 efetuada

pelos portais *Catarinas* e *Gênero e Número*, para analisar como cada um deles visibilizou as candidaturas femininas durante o pleito. Através da análise de conteúdo, as autoras não só investigam as temáticas caras à cobertura efetuada pelos veículos, mas também conectam a discussão do gênero ao campo do chamado jornalismo alternativo. Analisando outro produto midiático, o podcast, o trabalho de Charlini Torquato propõe um estudo exploratório acerca do tratamento da não-binariedade presente em dez podcasts. Para tanto, a autora elege diversas categorias que tocam em temas como saúde mental, religião e representação. Como resultado, temos um amplo panorama sobre os múltiplos desdobramentos que a temática da não binariedade pode ensejar.

A dinâmica do mercado de trabalho em comunicação é tema do trabalho de Mattos et al. que investigou a baixa presença de mulheres negras nas agências de publicidade curitubanas. Combinando uma pesquisa de cunho quantitativo, baseada em surveys direcionados às maiores agências da cidade, a outra de viés qualitativo, assentada em entrevistas com publicitárias negras, a pesquisa mostrou não só a invisibilidade e ausência das mulheres negras nas agências, quanto a própria resistência das instituições em responder os questionários.

Combinando observação participante, entrevistas abertas e estruturadas, análise de canções e performances do grupo de Maracatu Baque Mulher, o trabalho de Tatiana Lima volta-se ao estudo da música popular. O objetivo é analisar de que maneira o maracatu agiu como vetor de empoderamento para mulheres brancas e negras em Lisboa. Além de problematizar academicamente a tão difundida noção de empoderamento, o trabalho ainda nos permite compreender as redes transnacionais de conexão feminina, já que o grupo analisado se iniciou em Recife e se espalhou para outras cidades brasileiras e também para Lisboa.

A relação entre gênero e futebol é tema do texto de Erika Araújo e Mauro Ventura. Resgatando a historicidade do gênero enquanto uma categoria útil para a análise social, o trabalho nos ajuda a compreender de que maneira o gênero é um marcador de desigualdade no esporte. O clássico texto de Joan Scott, é, assim, posto para dialogar com uma bibliografia atualizada que trata de interseccionalidade, feminismo negro e pós-identidade, o que nos permite questionar a clássica separação entre sexo e gênero aplicando-a à problemática do esporte, campo em que os discursos que exaltam a dimensão biológica do corpo tendem a predominar.

Somando-se ao dossiê, a sessão de artigos conta com o trabalho de Nadja Vladi e Marcelo Argolo que analisa o ativismo negro na cena de música pop de Salvador. Dialogando com a farta tradição de estudos de cenas musicais, os autores situam a discussão no contexto brasileiro, o que nos permite refletir

sobre as potencialidades e os limites de conceitos importados da literatura anglo-americana. Para tanto, a noção de território sônico musical ganha primazia, acionando um produtivo diálogo com pesquisadores nacionais.

Da mesma forma que o artigo anterior, o texto de Santana et al. dialoga com o referencial teórico decolonial ao analisar a plataforma de Comunicação Colaborativa Ocorre Diário. O interesse agora é analisar de que forma um reposicionamento das fontes jornalísticas desestabiliza hierarquias epistêmicas propondo uma nova práxis jornalística. A vertente decolonial também comparece no trabalho de Ghil et al. que, por meio da análise fílmica, propõe uma discussão do filme *Atlantique*, da cineasta franco-senegalesa Mati Diop. Através de um diálogo com autoras negras e feministas, o texto enxerga como o cinema pode produzir novas territorialidades anti-diaspóricas pela maneira como tematiza o corpo. O debate decolonial também está presente no texto de Bogado et al. que evoca uma umbigada das imagens; uma maneira de ver uma série de filmes a partir da trajetória de circulação e cruzamento tanto de suas imagens quanto dos corpos que se constroem em movimento espiralar. O trabalho se destaca pelo escrita anti-convencional que flerta com a literatura e com o ensaísmo.

Como resultado desses múltiplos enfoques e temáticas, esperamos que este dossiê represente uma significativa contribuição para os atuais estudos de mídia e gênero. Como sempre, a revista gostaria de agradecer ao apoio da PRPPG no trabalho gráfico de edição do material.

Boa leitura a todos.